

# CONCEPÇÕES DOS PAIS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Marcos Rafael de Souza<sup>1</sup>  
Rosalia de Aguiar Araújo<sup>2</sup>  
Saulo Augusto de Moraes<sup>3</sup>  
Adeliane Tomáz da Silva<sup>4</sup>

## RESUMO

A família é o primeiro e mais importante vínculo do indivíduo. A primeira referência de si e do outro. O acompanhamento das atividades escolares da criança pela família é um importante instrumento que pode ser utilizado pela escola para a aprendizagem. Da mesma forma, a escola auxilia a família na formação do indivíduo. Este trabalho tem por objetivo conhecer a concepção que as famílias dos alunos têm sobre o papel que desempenham na formação educacional dos filhos. Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista narrativa feita com sete famílias de crianças que frequentam o Pré II da Escola Municipal Tio Patinhas em Novo Horizonte do Norte. As respostas das entrevistas foram analisadas em três categorias que levaram ao conhecimento da ideia que as famílias têm do seu papel na formação educacional dos filhos. Independente do arranjo familiar, todas as famílias percebem-se como sendo a união dos membros. As famílias entendem a sua importância na participação da vida escolar das crianças e o fazem principalmente através das reuniões, do acompanhamento das atividades escolares e tarefas de casa e da comunicação com o professor. Observou-se que quanto mais participativas são as famílias mais elas apresentam críticas quanto á qualidade do ensino oferecido pela escola aos filhos, assim como aquelas famílias que são menos participativas se mostraram mais satisfeitas com a escola.

**PALAVRAS- CHAVE:** família, escola, participação, educação.

## ABSTRACT

The family is the first and most important bond of the individual. The first reference to self and other. The monitoring of school activities of the child by the family is an important tool that can be used by the school for learning. Likewise, the school assists in the formation of the individual family. This work aims to understand the concept that

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia. [mrsmarquinhos@hotmail.com](mailto:mrsmarquinhos@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Campus Universitário de Juara/MT, Mestre em Ciências Florestais e Ambientais (UFMT)

<sup>3</sup> Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Campus Universitário de Juara/MT, Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UNEMAT)

<sup>4</sup> Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – Campus Universitário de Juara/MT, Graduada em Pedagogia.

students' families have about their role in the educational training of the children. For data collection the narrative interview with seven families of children attending the Pre II Municipal School Scrooge in Northern New Horizon was used. The responses from the interviews were analyzed in three categories that led to the knowledge of the idea that families have of their role in the educational training of the children. Regardless of family structure, all families perceive themselves as being members of the union. Families understand the importance of participation in the school life of children and do so mainly through meetings, monitoring of school activities and homework assignments and communication with the teacher. It was observed that the more participatory are more families as they present critical to the quality of education offered by the school to the children as well as those families who are less participative were more satisfied with the school.

**KEYWORD:** family, school, involvement, development, education.

## **INTRODUÇÃO**

A família, como a conhecemos, é constituída de um aglomerado de pessoas que moram juntas e se relacionam emocionalmente por algum grau de parentesco ou ideologia de convicções. A concepção de família tem sofrido mudanças significativas. E um dos fatores determinantes está na sua relação intrínseca com a sociedade, que por sua vez, está em constante mudança e transformação. Dessa maneira a família precisou se adaptar a essas novas realidades.

O conceito de famílias consideradas como modernas, entram em conflitos com aqueles que ainda seguem os antigos valores e princípios estabelecidos dentro da família tradicional nuclear (pai, mãe e suas proles). Hoje é possível encontrarmos diversas configurações de famílias, entre elas: as que possuem apenas um dos cônjuges e os filhos, pais recasados onde os filhos biológicos convivem com seus novos irmãos, madrastas ou padrastos, famílias de pais homossexuais e famílias onde os avôs criam os seus netos como se fossem seus filhos. (DESSEN 2010, p.212 apud STRATTON 2003 p. 337), faz a seguinte afirmação:

Independentemente da diversidade de tipos de famílias que caracterizam as sociedades ocidentais contemporâneas, a tendência de manter um compromisso e o suporte social e econômico entre os membros de uma família, visando a fornecer uma infraestrutura para o desenvolvimento dos filhos, permanecem enraizados.

Porquanto, a família, base da sociedade, lhe é garantida a proteção do Estado. E por ser aquela que tem uma ligação constante, desde o nascimento do filho, exerce a responsabilidade primordial, que juntamente com a Sociedade e Estado devem assegurar à assistência integral para a criança, adolescente e jovem. No Art. 227 da Constituição Federal (C.F.) de 1988,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Art. 227 da C.F. 1988).

A família está presente em todas as sociedades e representa a primeira instituição na vida do ser humano. Ao longo de vários anos, modificações estruturais na família ocorreram devido às necessidades de adequação em relação às mudanças de ordem cultural, social e econômica no mundo. Compreendido isto, vale ressaltar que alguns reflexos de desordem social surgiram com a perda de sua referência para a sociedade. E a educação busca resgatar essa referência quando além do seu processo de ensino e aprendizagem, desenvolve ações que atendam as diversas realidades de famílias sem fazer acepção.

A proposta principal desta pesquisa foi verificar como a família compreende o seu papel na formação da criança que frequenta a Educação Infantil de Novo Horizonte do Norte/MT, analisando suas concepções de família, como ocorre a participação da família na vida escolar da criança e qualidade do ensino.

Na metodologia, utilizou-se a abordagem qualitativa e como instrumento para coleta de dados a entrevista narrativa. A entrevista foi realizada com diferentes categorias de famílias, considerando ainda a diversidade cultural, social e econômica.

## **CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA PELA PRÓPRIA FAMÍLIA**

Os pais foram questionados sobre o conceito que tinham de família, assim como sugere Dessen (2010), que o conceito de família deve emergir dos seus membros, que a define conforme a proximidade e afetividade entre os entes. Os pais A, B, C e E, sendo A, representante da família de pais divorciados; B e C representantes da família tradicional;

E representante da família homoafetiva, tem um ponto de vista em comum sobre o que é família: a união, independente do arranjo familiar que possuir.

Gouveia (2010) afirma que atualmente a família é identificada por priorizar as relações afetivas em detrimento das funções políticas, religiosas e econômicas que eram originárias da família patriarcal no Brasil colonial, onde era necessária a origem biológica, hoje é possível cultivar a união pela afetividade que nutre a plena comunhão de vidas.

A família é a união entre um casal, entre a convivência, só que existe a, como é que fala, da mesma hora que existe uma família, a família pode se desfazer entendeu? Igual aconteceu comigo. Mas a gente não deixa de ser uma família junto com os filhos né, você continua sendo atendendo o seu filho da maneira como você pode atender né. É um conjunto né, mas igual eu falei, tem que tar junto, a partir do momento que haja uma separação a família divide, você tem que conviver com isso ne, tem que se adaptar e levar a tua vida porque você não vai, né. Então família é isso aí, um conjunto né (Pai A).

Ah, em primeiro lugar, é, como se diz assim, ser unidos né, dar carinho, dar amor, dar atenção, tem que saber educar, que hoje em dia é difícil né, educar um filho... Família pra mim é meus filhos, o meu marido, os meus filhos é tudo o que eu tenho, eu amo, amo muito (Mãe B).

ah... família pra mim é tudo né. Ah... tendo união entre nós, eu, o meu marido e meus dois filhos, não precisa de mais nada. Porque família não é um para cada lado, mas a nossa união... uns pelos outros (Mãe C).

Ah...pra mim família é uma conjugação do pai e mãe, mas no meu caso você sabe que foi diferente, sempre vivia só, sempre só na vida. Eu crio o meu filho sempre sozinha, sempre fui solteira (...) mas no meu caso falta muita coisa né, o meu filho não convive com o pai, é só eu e minha parceira, eu não tenho tempo disponível para ele, só final de semana, do sábado a tarde para o domingo, já na segunda ele fica com a babá. Então pra mim não é conviver como uma família totalmente né, os meus pais tá junto né. Por isso não considero uma família perfeita, né, porque eu sempre estou distante deles (Mãe E).

Segundo Ferreira (2004, p. 2019), a palavra “união” no dicionário Aurélio, significa “ato ou efeito de unir-se, junção, ligação, adesão. 2. Junção de duas coisas ou pessoas. 3. Contato, justaposição. 4. Pacto, aliança. Liga. 5. Reunião de forças de vontades, etc.; coesão, unidade”. Neste sentido percebemos que pais que constituem famílias consideradas tradicionais concebem a família como a presença de pai, mãe e filhos coabitando a mesma casa, o que podemos considerar que união para eles é a junção de pessoas, contato, aliança. Diferentemente, a família homoafetiva (E) representada pela mãe, deixa transparecer esse tipo de união, mas ressalta o amor e a importância do filho, uma vez que classifica sua família como imperfeita, por não estar de acordo com a família

tradicional, carregando uma culpa por não ter o pai presente na vida da criança e por ela não dispor do tempo que gostaria para o filho.

Gouveia (2010) traz este aspecto em que a família modificou-se nas suas relações sociais, priorizando a unidade familiar baseada no afeto. Este tem se tornado o ponto principal da união familiar, levantando reflexões importantes a respeito de paternidade afetiva, relações homoafetivas, a inseminação artificial para ter filhos, e a culpa pelo casamento não atender as expectativas de uma família tradicional.

A mãe B e a C, representantes da família tradicional, referem-se à família como sendo constituída por pai, mãe e filhos, mais uma vez, referindo-se à realidade que vivem, pois normalmente é desta forma que se constroem os conceitos. A família de pais divorciados representado pela figura do pai (A) indica uma tendência em priorizar a presença dos filhos, o que pode ser considerado como um pacto entre pais e filhos e/ou união de forças de vontades para suprir as necessidades dos filhos, independente dos conflitos familiares vividos. Ele deixa claro que mesmo com a separação o interesse pelo bem estar dos filhos permanece, e que os pais devem manter uma união que atenda a essas necessidades. O poder familiar que os pais exercem sobre os filhos, ou seja, o dever de cuidar e prover as necessidades da criança deverá continuar mesmo após o rompimento conjugal. Teles (2011) comenta sobre como as relações conflituosas de pais separados interferem na formação dos filhos, que muitas vezes crescem desprovidos de recursos materiais e de afeto.

O artigo 1.631 do Código Civil de 2002, diz que a titularidade do poder familiar deve ser de ambos os pais, e somente na falta de um, o outro terá exclusividade, isso durante o casamento, ou união ou mesmo com o divórcio. A mãe D, representante da família formada de mãe biológica e padrasto, assim como os demais, define a família conforme a sua realidade. Sua concepção de família não está baseada no modelo tradicional, e identifica família como sendo formada pelas pessoas que convivem com a criança, o que justifica a ausência do pai biológico na vida do seu filho, onde este é substituído pelo padrasto:

Família pra mim, independe de ser o pai ou a mãe, eu acho que é o ambiente que a gente vive, que a gente constroi junto com os filhos, ou duas mães, ou dois pais, ou a mãe solteira, acho que família é tentar educar levar para os seus filhos aquilo que você aprendeu com seus pais, é educar na religião independente de qual, mas ter Deus dentro de casa (Mãe D).

Ponto defendido também por Szymanzki (2009) que diz que a família é o ambiente onde a criança faz seus primeiros contatos com o meio social, e através dele a mesma adquire significado e se constrói enquanto sujeito. E também por Vygotsky (1998), primeiro o indivíduo se desenvolve no nível social, ou seja, entre as pessoas do seu convívio, que fazem parte do seu contexto social, e depois, para o nível individual, no interior da criança. Esse processo se aplica para a atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos. Podemos considerar que a concepção de família está justificada pela circunstância em que vive o entrevistado. Este ponto atualmente encontra jurisdição segundo Gouveia (2010), é conhecido como paternidade socioafetiva, tornando-se filhos legítimos os que descendem do amor e dos vínculos de afetividade e até mais profundos do que os vínculos biológicos. Ou seja, a demonstração de amor, a convivência, os cuidados, a atenção do padrasto para com a criança, tudo isso por livre e espontânea vontade, sem a obrigação determinada pela lei para o pai, revelam os laços sinceros de afeto que nem sempre estão presentes na filiação biológica. A mãe F, que representa a família de mãe solteira, ao ser indagada sobre o que é família, descreve esta como sendo um lugar de proteção. Sua concepção, assim como pode se notar nas demais famílias, baseia-se na realidade vivida por ela no seu papel de mãe, onde deixa transparecer a necessidade de um companheiro que traga proteção ao seu lar, porém faz o possível para oferecer esta proteção aos filhos.

Ah... em primeiro lugar acho que tá a proteção, a família protege muito a gente, tem, dá muita educação desde pequena, acho que é isso, proteção. Se resume tudo na proteção( Mãe F).

Silva et al. (2012) diz que uma das funções da família é prover todos os cuidados que uma criança precisa incluindo a proteção, além de transmitir princípios, conhecimentos e valores essenciais para a vida em sociedade.

Kaloustian (1998) destaca que a família é o lugar que garante a sobrevivência e a proteção de seus membros, proporcionando aportes afetivos e materiais de que necessitam para seu desenvolvimento e bem estar, sem levar em conta o arranjo ou a estrutura familiar.

O pai G, representante de uma das famílias tradicionais quando questionado sobre família define-a como sendo o referencial para a vida do indivíduo:

(...) a família assim que eu entendo, ela é a estrutura, a base da vida, uma família bem estruturada, a vida se torna fácil de viver, melhor né, tem como viver com facilidade, agora se a família desandar, não tiver

uma estrutura, aí no caso nem a vida tem tanto sentido fora da família estruturada (Pai G).

Esta definição de família é semelhante à trazida pelo artigo 226 da constituição federal, quando diz que, “A família, base da sociedade”. O pai G, segundo seus valores religiosos tem um posicionamento favorável à família tradicional, por este motivo ao se referir à “família estruturada” subentende-se que se trata de uma família constituída de pai, mãe e filhos, onde cada um dos componentes tem sua posição. Segundo Romanelli (1997), a família se estrutura por relações de poder e autoridade, cabendo a cada membro da família pai, mãe e filhos, uma hierarquia, direitos e deveres específicos e distintos. A família se estrutura ainda pela afetividade entre seus membros de acordo com o vínculo, gênero e a idade de cada um.

Neste caso, o pai (G) é o provedor e figura de autoridade máxima na família, a mãe, é responsável pelo cuidado com os filhos, e ambos, mãe e filhos estão submissos ao pai. Assim sendo, qualquer outra estrutura de família é considerada como uma família desestruturada, já que esta estrutura garante o suporte necessário para o bem estar de cada um dos membros.

Nessa visão, Gokhale (1980) apud Gomes e Leite (2011, p. 03) acrescenta que “a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação, bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto”.

De acordo com Dessen (2010), a família contemporânea, é conceituada conforme a opinião dos membros, levando em conta o afeto e a intimidade entre eles, como fator constituinte, sem considerar as diferenças existentes em relação ao modelo tradicional. Fato este notado nas concepções que as famílias estudadas têm a respeito do conceito de família. Elas se baseiam em suas próprias vivências, buscando afirmar que mesmo que não atendam à ideia da família tradicional, adotada como referência, são capazes de suprir as necessidades dos filhos.

## **PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DA CRIANÇA**

Este talvez seja o ponto mais importante da entrevista e da análise. Os pais foram questionados quanto à ideia que tinham sobre o que era participar na educação escolar dos filhos e sobre a importância dessa participação para formação escolar dos mesmos. Nesse sentido, Palácios e Paniagua (2007), tratam a relação da família com a educação

infantil, essencial para o desenvolvimento da criança e se torna cada vez mais necessário a aproximação da família à medida que a criança é menor. O pai A, devido a briga judicial pela guarda da criança, afirma que a única forma que tem de participar da vida escolar da filha, é ir até a própria escola para acompanhar seu desempenho escolar e como ela está em casa. Ele procura manter um diálogo com a criança e com a professora e se dispõe a auxiliar no que for preciso.

é...e outra, eu já participo também da escola, já venho aqui e vejo o que tá faltando pra ela, se tá faltando alguma coisa, senão tá, se tá acontecendo alguma coisa, ou não tá, entende? Ela já me passa mim, a escola passa, a diretora, a professora né, já deixo o meu telefone disponível também né, a gente tem que acompanhar né, pai é pai né, tanto é que eu tenho mais três, três filhos e graças a Deus tão tudo formado, hoje tem, não tá os três formados completamente ainda mas tem dois que já se formou esse ano que passou (2013) e tem uma que tá terminando, que, ta se formando também pra direito, uma se formada em contabilidade outro rapaz engenheiro e tem uma mais nova que ta se formando em direito, então eu tenho exemplo de vida entendeu, pra passar entendeu e essa dai..[...] então é uma maneira como eu posso ver ela, tar aqui com ela.sim isso é a gente continua né, sempre tamo ai, se precisar a gente ta ai, independente do que for [...] (Pai A).

A família e a escola podem construir um relacionamento baseado na troca de informações sobre a criança, para encontrar respostas á seus problemas, seja na dificuldade de aprendizagem, sobre os problemas comportamentais (SZYMANSKI, 2009). A mãe B (família tradicional) considera sua participação na vida escolar do filho o fato de frequentar as reuniões de pais, ajudar nas tarefas de casa, estimular o aprendizado da criança em casa, acompanhar o que está sendo ensinado pela professora. A mãe percebe o quanto sua participação na escola motiva o filho.

Participar das reuniões, participar em casa, ajudar nas tarefas de casa, esses dias mesmo ele me pediu para ajudar na tabuada, queria aprender tabuada, ele tem 05 anos, ai eu fui ensinar ele aprender a tabuada de 2, ele até tá sabendo mais um menos, as letras ele sabe tudo se você perguntar pra ele, já sabe escrever o nome dele, e de vez em quando eu vou lá na escola, procuro saber como ele tá na sala de 27 aula, esses dias eu fui e fiquei acho que uma meia hora na sala, pra ver como é que era, como que ele tava aprendendo, o que ele tava fazendo e ele gostou de eu tar lá né, ele ficou feliz de ver eu lá e mostrando o que ele tava fazendo, ai, eu até me enturmei né, ajudei ele... (Mãe B).

Conforme Maimoni e Bortone (2001), a definição do nível de participação dos pais na educação escolar dos filhos está atrelada a acompanhar as tarefas e trabalhos escolares, o caderno de lições da escola, estabelecer horário de estudo, informar-se sobre matérias e provas, entre outras.

A mãe C (família tradicional) relata que leva a criança até a escola, considera brincar e passar tempo com o filho como participar da vida escolar dele também, além de frequentar as reuniões de pais e manter um diálogo com a professora. A mãe destaca também que é necessário educar o filho, no sentido do seu comportamento social, pois entende que não é papel da escola. Sobre este assunto Marques (1993) discorre que o papel da escola é o de complementar a educação dada pela família, independente de sua constituição, transmitindo à criança conceitos de ética e cidadania, não tendo ela a total responsabilidade de formar o caráter, pois este deveria ser trabalhado dentro da família.

No meu caso procuro ficar bastante tempo com ele, deito juntinho com ele, abraço ele, eu levo meu filho na escola, brinco com ele. [...] eu acho que é mais uma aproximação minha com ele, participar dessa questão de escola é pintar, ensinar ele a pintar, a identificar as figuras e imagens. ah...eu gosto mais de pintar com ele, sento com ele, jogamos alguns joguinhos, ele gosta de aprender a montar e desmontar, ele gosta muito de brincar, o meu filho não gosta de estudar, acho que é por causa da idade, da fase da creche. Eu acho muito interessante a reunião dos pais na escola, ter um diálogo com os professores, eu me coloco a disposição para tudo o que precisarem, eu deixo o número do meu telefone para me ligarem e estar por dentro do que está acontecendo. Eu acho também que é preciso corrigir o filho em casa, porque na escola não consegue aprender tudo também não, porque é muita criança (Pai/responsável C).

A mãe D (mãe biológica e padrasto) entende que o papel de ensinar se desenvolve como uma parceria entre a escola e a família. Conforme Almeida (1987), o esforço em conjunto, entre pais e escola é essencial para que haja uma linguagem em comum, de modo que servirão no auxílio da aprendizagem do educando.

A gente sempre erra, é claro, mas sempre tentando acertar. Aqui em casa nos temos um hábito que é uma rotina, as refeições. Nós sempre fazemos juntos, sentamos na mesa e todas as refeições fazemos juntos, o D. sempre pede para comer na frente da televisão, mas é na mesa unidos, eu acho isso muito importante. \*Então, eu converso bastante com o D., eu sempre levo ele para escola e entrego na mão da professora, como um compromisso com a professora e uma segurança. Nunca deixo no portão da escola, pois ele é a pessoa mais especial para mim. E aproveito para conversar com a professora e pergunto como ele está na escola, se está muito arteiro, se houve teimosia e caso ele não atendeu as orientações da professora, eu dou um castigo para ele em casa, tiro alguma coisa que ele gosta não permito ele fazer as brincadeiras que ele gosta para tentar melhorar as atitudes dele. Em casa ele tem brinquedos didáticos, ele pinta, ele faz as letrinhas, procuro fazer o que ele gosta, eu estímulo assim, a gente sempre ajuda, a minha mãe que fica com ele também ajuda. Eu acho que os pais, a família, aqueles que moram juntos, precisam participar, tentando passar aquilo que aprendemos para a criança. Eu sempre olho e observo quando ele vem da escola, um exemplo, um dia eu achei um brinquedo dentro da mochila e logo expliquei para ele que isso não é legal, pois não é teu, eu fiz ele devolver, mas cuidando para não constranger ele, chamei a professora e pedi para ele devolver, depois disso nunca mais aconteceu

isso. Pois a professora muitas vezes não vê isso, tem muitas crianças para cuidar. É uma parceria, por isso é preciso saber como foi o dia dele, ensinar, cuidar, em casa os pais precisam ser como um professor também (Mãe D).

Já a mãe F (mãe solteira) acredita que a família precisa estar presente na educação do filho, mas alega que não tem tempo e quem acaba fazendo este papel é a avó da criança, que passa então ser incluída como a família da criança:

Família na educação, acho que tem que estar sempre por perto, é uma coisa que eu não tenho muito tempo por causa do meu trabalho, tem que estar sempre perto ajudando, indo na reunião, quem vai à reunião é a minha mãe, é isso, estar por perto, dá apoio, ensinar o que a gente sabe, o que a gente aprendeu na escola. Estar sempre presente (Mãe F)

O pai G (família tradicional) cita o incentivo à criança para frequentar a escola, assim como o estímulo no desenvolvimento das atividades escolares, manter a comunicação com o professor e frequentar as reuniões. O pai parece acreditar que não pode contribuir significativamente com a formação da filha, talvez pela baixa escolaridade que possui. Este fato foi observado por Szymanski (2009), quando o autor sugere que pode haver conflitos entre a família e a escola sobre o modelo educativo devido às diferenças sociais, crenças e valores que possam existir entre elas, que podem levar os pais a acreditar que não são capazes contribuir na aprendizagem dos filhos de acordo com aquilo que se desenvolve na escola.

a minha participação é tipo assim, tenho incentivado a ir para escola, nunca faltar, participar... nas reuniões da escola com os pais, quando não posso ir a minha esposa vai para saber o andamento, como ela está na escola, é preciso acompanhar, saber como está o aprendizado, perguntando para a professora, tendo um diálogo com a professora, saber como está a minha filha na escola [...] aqui em casa é poucas vezes que a gente pega para poder ensinar alguma coisinha, é mais o nome, coisinhas assim, ela aprendeu em casa (Pai G).

A mãe E (família homoafetiva) prioriza os poucos momentos em casa para estar presente na vida da criança, já que devido ao seu trabalho não dispõe de tempo para ir até a escola ou participar das reuniões de pais e procura acompanhar as atividades escolares em casa.

Ah... em casa assim eu oriento ele, eu pego os cadernos dele as vezes, os desenhos que ele tá pintando eu falo que não é desse jeito, é assim, na educação (escola) que ele tá falando algo que não é de acordo eu oriento ele a não fazer daquele jeito, o tempo que eu posso eu saí com ele na rua, eu levo ele para algum lugar, levo ele na academia na praça para se divertir, então o que eu posso fazer por ele é isso, ficar com ele nesses poucos momentos, mas tipo assim, corrigindo e ensinando ao mesmo tempo, entendeu, a orientação que eu tenho para ele, eu aprendo com ele dia após dia (Mãe E).

Segundo Polonia e Dessen (2007) os pais estão cada vez mais atenciosos na avaliação do aproveitamento escolar dos filhos, supervisionando e acompanhando as atividades escolares e também criando em casa atividades que estimulem a disciplina e as atividades lúdicas para o desenvolvimento da aprendizagem dos filhos. Família e escola têm em comum, funções sociais, educacionais e políticas, e juntas contribuirão para a formação do cidadão (REGO, 2003). Ambas são instituições essenciais para o desenvolvimento do ser humano, podendo servir como incentivadoras ou inibidoras do crescimento intelectual, social e emocional (DESSEN & POLONIA, 2007). Nessa perspectiva, todos os pais entrevistados consideram importante sua participação na educação dos filhos e declaram que de alguma maneira participam da educação escolar, considerando as diferentes estruturas familiares, as limitações pessoais de cada família oriundas de suas crenças, valores e classe socioeconômica.

## **PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA SOBRE A QUALIDADE DO ENSINO OFERECIDO PELA ESCOLA**

Quando indagados sobre o ensino oferecido pela escola para seus filhos alguns pais tiveram críticas a fazer: A mãe B (família tradicional) relata não estar satisfeita com as atividades desenvolvidas em sala de aula, primeiro porque há uma superlotação da sala, que no momento da pesquisa era de 43 alunos, dificultando o aprendizado e a integração das crianças com a professora. Em segundo lugar ela reclama também do horário estabelecido pela direção da escola, pois entra em conflito com o horário do seu trabalho.

É, as atividades e também assim, menos aluno na sala de aula, porque fica muito aluno na sala de aula e eles não aprendem quase nada. Esses tempos mesmo ele reclamou pra mim que a professora pegou e chamou os meninos pra brincar lá fora e ele acabou ficando na sala com as meninas e não sei se a professora não viu ele, ou ele não disse nada, ele acabou ficando quietinho e ficou com as meninas e ele 30 reclamou pra mim. O horário também que eu não gostei, o certo é meio dia e meia e quatro e meia, eles tão mandando as crianças pra escola meio dia e vinte e tem que pegar quatro e vinte. O meu serviço não bate, ai eu tenho que pegar as crianças e não tenho com quem deixar, ai atrapalha o meu serviço, atrasa o meu serviço, o horário é muito puxado pra pegar ele (Mãe B).

A mãe D (mãe biológica e padrasto) refere-se à confusão que alguns pais fazem sobre os papéis da família e da escola na educação das crianças, citado na categoria anterior, como um ponto que interfere na qualidade do ensino, pois o comportamento das crianças sofre grande influência dessa omissão dos pais na primeira educação

(socialização) e que também não pode ser considerado papel da escola resolver este aspecto.

ah... eu acho que sempre tem alguma coisa que pode melhorar, assim como nós pais também podemos melhorar. Penso que muitos pais querem se ausentar, pensam que os professores são responsáveis por educar, eu acho importante não transferir essa responsabilidade aos professores. Mas eu acredito, eu aprendi com os meus pais que os primeiros professores são os pais, a primeira educação precisa vir de casa. Mas na escola, quanto ao D., eu acho que os professores são bons, mas podem melhorar e muito. Tem situações como as salas lotadas, as brigas em sala de aula, e outros acontecimentos que precisam ser dialogados, porque não sabemos o que acontece em sala de aula e na hora que a gente vai conversar é preciso ser transparente, é preciso falar, é preciso ter essa parceria entre os pais e professores. (Mãe D).

Segundo Szymanski (2009) as famílias esperam que a escola deem á elas mais oportunidades de participação e também sejam cumpridoras do processo educacional que lhes cabe. Ainda que não reivindicuem isso, as famílias estão cada vez mais conscientes da necessidade de melhoria das condições de ensino.

O pai A (família de pais divorciados) quando questionado á respeito desse assunto identifica a escola como um bom ambiente para o desenvolvimento da criança, uma vez que a percebe como supridora de sua ausência na vida da criança, atribuindo á escola a responsabilidade que lhe é devida como família, talvez não por escolha própria, mas levado ás circunstâncias do rompimento conjugal.

Agora o que ajuda muito é uma escola como essa, porque uma escola dessa daqui ela tem de tudo pra uma criança né, então ali ela desenvolve muito demais da conta de uma criança, então ela esquece do que ta passando por trás, ela acaba esquecendo, ela acaba se envolvendo a cabeça dela mais na escola, ai brincando junto com as crianças, se divertindo, alimentando, né, igual aqui né, é muito bom né, estrutura muito boa né, ajuda muito, isso é muito importante para uma criança, porque de primeiro não tinha isso né, no meu tempo não existia isso, rsrs.. se existia isso eu nem sabia que tinha um creche (Pai A).

A mãe C (família tradicional) destaca positivamente a alimentação e o cuidado oferecidos pela escola:

eu acho que a escola é muito boa, eles cuidam muito bem, a alimentação é muito boa, qualquer coisa que acontece eles procuram a gente para estar informando, quando está doente, assim (Mãe C).

A mãe E (família homoafetiva), aprova a escola baseado no progresso que percebe no filho, pois alega não ter tempo de ir até a escola:

Olha, pra falar a verdade, vou pouco na escola, mas pelas poucas reuniões que eu fui, pela idade e pelo ensinamento que ele tá

tendo tá bom, na escola ele aprende muita coisa, ele chega em casa e vai falando o que fez e de acordo com o que ele vai falando eu também vou pegando e quando vou na escola eu falo com o professora e ela me relata tudo, e pra mim tá bom (Mãe E).

Ainda que a escola ofereça um ensino de qualidade e possa contar com uma estrutura que atenda ao número de alunos e tenha uma boa organização, contando com o efetivo apoio pedagógico e de gestão, estes fatores que podem contribuir para a melhoria do processo de ensino aprendizagem, ainda assim, o aprendizado da criança só será efetivo se o aluno tiver a atenção da família no que diz respeito á escola (HESS & HOLLOWAY, 1992 apud DESSEN & POLONIA, 2005).

Ao final desta análise é possível concluir se compararmos a categoria anterior, que diz respeito á participação das famílias na educação dos filhos com a presente categoria sobre a qualidade do ensino oferecido pela escola, foi possível observar que quanto menor o grau de participação das famílias na vida escolar das crianças maior o grau de satisfação com a qualidade do ensino oferecido pela escola e vice e versa, ou seja, os pais que não tinham muito tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, estar presente na escola, ir ás reuniões, não podiam perceber falhas ou apontar melhorias na qualidade do ensino e nem tampouco sentem-se capazes de participar do processo de educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A família é o primeiro meio social do indivíduo, independente da sua constituição, é no ambiente familiar que ele desenvolve os primeiros contatos com o mundo externo. É através dela que o indivíduo desenvolve a linguagem, valores, comportamentos que o constituem como sujeito social.

Cada vez mais, entende-se que é necessário haver uma relação próxima entre família e escola para a efetiva formação da criança, como cidadão, consciente dos direitos e deveres. A criança ao se desenvolver sofre fortes influências da família, que podem ser tanto de maneira positiva como negativa em seu processo de aprendizagem. Isso fica evidente na escola quando a criança passa pelo ensino de novos conhecimentos de maneira sistemática.

Por isso, a criança que cresce sendo estimulada dentro do ambiente familiar tem maior possibilidade de alcançar um bom desenvolvimento cognitivo. Mas na sua

negligência a criança pode apresentar dificuldades e problemas ao longo do processo da aprendizagem escolar.

Observou-se que as diferentes concepções de famílias têm como ponto em comum a necessidade da união entre os seus membros, mas também divergem quanto ao que seja participar da educação dos filhos e principalmente quanto á importância que dão á este aspecto da vida escolar dos mesmos, fato este que pode ser justificado pela intensidade da presença dos pais/responsáveis na escola e nas atividades escolares em casa.

Todavia, percebeu-se que tanto a escola quanto a família possuem a sua parcela de contribuição para a formação da criança, sendo assim, essa relação deve ter a participação efetiva de ambas para que se alcance o sucesso na vida educacional da criança.

Concluiu-se que as famílias entrevistadas entendem a sua importância em relação á formação educacional da criança, porém cada uma tem uma concepção particular, diferente, do que seja a sua participação, muitas vezes pelo tempo que dispõem para acompanhar a criança, estar na escola e nas reuniões, como os pais A, E e F, que pela rotina de trabalho não dispõem desse tempo.

A maioria dos pais entende como participação na vida escolar acompanhar o filho na escola, nas atividades escolares, nas tarefas de casa, nas reuniões de pais e no diálogo com os professores. Verificou-se que á medida que os pais participam da vida escolar dos seus filhos tornam-se mais críticos quanto á qualidade do ensino oferecida pela escola.

Nesse sentido, acredito que a análise das concepções relatadas pelos pais nesta pesquisa pode contribuir para projetos que aproximem ainda mais os pais da vida escolar dos filhos, além de fazerem conhecidos pelos educadores, os anseios e expectativas dos pais quanto ao ensino dos seus filhos.

Para os professores, as mesmas contribuem enfatizando a importância de se conhecer as diversas realidades dos alunos, tanto para o planejamento das aulas, como para a docência, contribuindo com o sucesso do ensino aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMAZONAS, M. C. L. A.DAMASCENO, P. R. TERTO, L.M. S. SILVA, R. R. **Arranjos familiares de crianças de camadas populares.** Psicologiaem Estudo, 2003.

ALMEIDA, A.M. **Pensando a Família no Brasil. Da Colônia à Modernidade.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, UFRJ, 1987.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Família. Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2001.

BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acessado em 20/11/2013. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação.** Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRITO, R. G. SOARES, S. S. **Influência da família na aprendizagem escolar da criança: ponto de reflexão.** Santarém, PA - UFOPA, 2014.

CAHALIL, Y. S. **Constituição (Org.). Código do Processo Civil.** 5.ed. São Paulo: RT, 2003.

DESSEN, M.A. **Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.spe, pp. 202-219. ISSN 1414-9893.

DESSEN, M.A. **Psicologia: Ciência e Profissão.** Vol.30 no. spe, Brasília dezembro 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010> . Acessado em 04/12/2013.

ESTEVE, J. M. **O Mal-Estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** São Paulo: EDUSC, 1999.

FACO, V.M.G. MELCHIORI, L. E. **Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana / Livro: Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções / VALLE, T.G.M. Organizadora. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.**

PALICIOS, J. PANIAGUA, G. **Educação Infantil: resposta educativa a diversidade.** Porto Alegre – RS, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** In. : BAUER, M. & GASKELL, G. (org). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis vozes, 2002.

JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. W. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Editora: Vozes -2010.

KALOUSTIAN, S.M. (org.) **Família Brasileira, a base de tudo.** 3ª.ed. São Paulo:Cortez, Brasília, DF, UNICEF, 1998.

KRAMER, S. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 1998

MAIMONE, E.H. MIRANDA, A.A.B. **Uma proposta de avaliação do envolvimento dos pais na vida escolar do filho.** Anais do IV Congresso e IV Mostra acadêmica de Ciências Humanas e Artes, Viçosa-MG, 1999.

MAIMONE, E.H. BERTONE, M.E. **Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais.** Psicologia Escolar e Educacional. Uberlândia – MG, 2001.

MARQUES, R. **A escola e os pais como colaborar?** São Paulo. Texto Editora. 4ª ed. 1993.

MORAES, A.A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação.** Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

PANIAGUA, G. PALACIOS, J. **Educação Infantil: resposta à diversidade.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

PARO, V. H. **Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: BASTOS, J. B. (Org.). **Gestão democrática.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

POLÔNIA, A. C.DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional. 2005.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVA, F. **S.A importância da família para o processo da aprendizagem escolar.** [http://www.slideshare.net/marcossouza716/savedfiles?s\\_title=a-importncia-da-familia-para-o-processo-da-aprendizagem-escolar-por-flvia-silveira-da-silva&user\\_login=psicanalistasantos](http://www.slideshare.net/marcossouza716/savedfiles?s_title=a-importncia-da-familia-para-o-processo-da-aprendizagem-escolar-por-flvia-silveira-da-silva&user_login=psicanalistasantos). Acessado em 20/11/2013, publicado em 2012.

SZYMANZKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano Editora 2003.

VALLE, T.G.M.**Aprendizagem e desenvolvimento humano : avaliações e intervenções.** Organizadora. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

**VARANI, A. SILVA, D.C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. PUC – Campo. Brasília-DF – 2010.**

**VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.**